

Ficção científica e ficção social

»SYLVAIN LEVY

Psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília

Há cerca de 60 anos o detetive Dick Tracy, personagem de histórias em quadrinhos, dispunha de um telefone televisor de pulso para ajudá-lo a resolver os intrincados mistérios desenhados nas revistas. Flash Gordon, anos antes, já viajava no espaço e no século 19, Jules Verne, entre tantas predições, colocava o homem na Lua, a bordo de um foguete e no fundo do mar dentro de um submarino.

Tudo isso já aconteceu ou ninguém coloca em dúvida que vai acontecer. Na ficção científica o futuro distante está se transformando numa curiosidade do passado. O presente das pesquisas e descobertas científicas e do desenvolvimento tecnológico pulverizou as imaginações do passado e colocou as perspectivas do futuro apenas como uma questão de tempo. Pode ser que ainda se passe centenas de anos para que os terráqueos colonizem outros mundos; pode ser que somente após várias gerações seja possível o teletransporte de substâncias físicas (digitalizadas ou não), mas o desconhecimento de hoje não implica que existam razões para que, científica e tecnologicamente, isso não aconteça, desde que a sociedade, ou sua representação – o governo – se mobilizem nessa direção.

No meio médico, é conhecida a história da descoberta da vacina contra a poliomielite por Jonas Salk. O governo americano envidava todos os esforços na pesquisa para uma vacina contra o sarampo. Com a posse de Roosevelt, que foi acometido pela pólio e adquiriu paralisia, já adulto, houve uma mudança política e financeira no foco dessas pesquisas e chegou-se à vacina contra a pólio (1955) antes da descoberta da vacina contra o sarampo (1963), doença de muito maior incidência.

Como exemplos de mobilização da sociedade no Brasil, podem ser lembrados os movimentos dos fiscais do Sarney, no Plano Cruzado, e dos caras-pintadas, no crepúsculo do governo Collor. Mas esses foram movimentos conjunturais e não estruturais e não podem ser vistos como propostas de futuro para uma sociedade, como as ideias de ficção social descritas por Huxley, no *Admirável mundo novo*, ou por Orwell, em *Fazenda dos animais*.

Essa digressão coloca várias questões: O que quererá a sociedade do futuro? Como será essa sociedade? É possível fazer para a ficção social a mesma afirmativa feita para a ficção científica, de que a realização dos seus produtos é só uma questão de tempo, e que o que for pensado ou imaginado como ficção social será desenvolvido ou construído?

Talvez a Brasília igualitária sonhada por Lucio Costa, Niemeyer e JK tenha naufragado não por deficiências de seu projeto, mas sim pelas resistências de



uma sociedade ainda acostumada à submeter-se aos interesses de dignitários de capitâncias hereditárias.

Não se pode ignorar que existe uma interrelação estreita entre o progresso científico-tecnológico e a evolução das sociedades. Uma sociedade com tendências egocêntricas e individualistas estimulará e aceitará situações e equipamentos que favoreçam o isolamento e o isolacionismo e, ao mesmo tempo, propiciem falsa sensação de pertencimento. Um exemplo disso são os aparelhos celulares de telefonia, a utilização indiscriminada de fones de ouvido nos mais diversos equipamentos e o estímulo ao uso do transporte individual em detrimento do coletivo. E o que se vê são ruas entupidadas de carros com um único ocupante, falando ao celular ou ouvindo seu iPod, de vidros fechados. É a comunicação de massa a serviço de seu mais arcaico nível. O individual.

O grau de incerteza para a concretização das propostas de ficção social é diretamente proporcional às surpresas provocadas. Ou alguém imaginaria uma sociedade de petistas defendendo o FMI ou o coronelismo representado por José Sarney?

Não se trata de criticar mudanças individuais de atitudes ou de pensamentos. Mas sim de observar, analisar e prospectar comportamentos de grandes grupos sociais que possam influenciar os rumos das comunidades e contribuir para a transformação da vida das populações.

É possível imaginar uma sociedade onde honestidade não seja considerada virtude, mas uma característica do ser humano? É possível acreditar na existência de uma sociedade onde o que predomine seja a ética do amor e não a do medo e da culpa? Onde solidariedade e fraternidade, isonomia e equidade sejam atributos que ajudem a expandir os conceitos de individual e coletivo, sem que, entretanto, haja a confusão entre os limites dos interesses privados com os públicos, como mais uma vez se evidencia no Senado Federal?

Na ficção científica toda imaginação é passível de se concretizar. Na ficção social, em que os filósofos apenas explicam o mundo e os visionários alicerçam as utopias, a tarefa real é conseguir modificá-lo e, quem sabe, construir uma sociedade onde cada um contribua com suas possibilidades e receba de acordo com suas necessidades.